

**UEG – PIRES DO RIO – UNIVERSIDADE
DO CERRADO SOB O OLHAR DO OUTRO**

Keides Batista Vicente¹

1. RESUMO

A UEG, Unidade de Pires do Rio, localizada em uma região privilegiada no Estado de Goiás, oferece a possibilidade do acesso ao ensino público universitário para um grande número de alunos de distintas cidades, encontrando assim diferentes culturas e condições sociais. Nestes aspectos a Unidade mostra-se como possibilidade de transformação social e cultural de um público até então impossibilitados, pela distancia, o trabalho e a economia, de terem acesso ao ensino superior, a UEG torna-se um mecanismo de transformação, proporcionando novas interpretações, novos olhares, elaborando novos sujeitos sociais. No entanto existe um público que está em contato constante com a Universidade, porém não fazem parte dos números de alunos, não freqüentam as aulas, não estão registrados nos documentos ou terão um diploma. Alguns freqüentam a universidade por anos, todos os dias, sem falta, sem apatia e em alguns casos mesmo sem aulas, são os diversos indivíduos que tem na economia informal a elaboração do sustento familiar, podemos encontrá-los todos os dias na porta da unidade, na cantina ou nas salas de reprodução de material (xerox), são conhecidos pelo nome por grande parte dos alunos, mantendo relações de contanto e proximidade. Outros são responsáveis pelo transporte diário dos alunos, presenciam o ciclo do vestibular ao final do curso, em muitos casos não passam da cantina, não conhecem as salas de aulas, laboratórios, biblioteca, o ciclo de amizades esta restrito aos companheiros de profissão, aos alunos, companheiros diários. Nestes aspectos o presente projeto tem como proposta compreender os vários significados do ensino universitário e da prática econômica mantida neste espaço. Um olhar da universidade por agentes que não a integram diretamente, mas que contribuem para a formação de diferentes indivíduos. Esta preocupação é fruto da percepção cotidiana das relações da

¹ Mestre em História Social. Professora do Curso de História UEG UnU Morrinhos.
profkeidesueg@hotmail.com.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

UEG associado aos comentários que demonstram uma concepção de não inserção e até mesmo de exclusão do espaço universitário ambíguo, próximo e distante.

Palavras – chave – UEG, Ensino, Representação.

2. INTRODUÇÃO.

A cidade de Pires do Rio está localizada no Sudeste do Estado de Goiás, na região conhecida como “Região da Estrada de Ferro”, privilegiada pela proximidade com a capital do Estado, Goiânia, a do País, Brasília, e de estados vizinhos como Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Possui em sua organização econômica indústrias, comércios e a agropecuária em expansão, proporcionando uma distinção urbana em relação a outras cidades circunvizinhas, que buscam na cidade de Pires do Rio, empregos, produtos primários e secundários, lazer e acesso a rede de ensino estadual, municipal e particular.

Está localização privilegiada associada ao discurso de interiorização do Ensino e desarticulação de lideranças estudantis nas grandes universidades, observado após o fim da ditadura militar, e a necessidade da formação e aprimoramento dos professores da região corroborou com a criação da Faculdade de Educação, Ciências e Letras em Pires do Rio. Propostas encontradas no texto da Lei N.º 9.805 de 14 de outubro de 1985:

..é de reputar como da maior relevância aquela a que se refere à obrigação do Estado em proporcionar à juventude interiorana, meios e condições de realizar o seu curso superior na terra que lhe serviu de berço natal, evitando-se, com isso, o seu deslocamento oneroso e, não raras vezes, incômodo para os grandes centros urbanos...(Goiás, 1985)

No entanto não podemos desconsiderar que o ensino no interior proporcionaria também a desarticulação de movimentos sócias existentes na capital, como o Movimento Estudantil, fortalecido pela diversidade de pensamentos e propósitos que se encontravam nas Universidades.

Em outro momento o texto da Lei faz referência as transformações visualizadas na cidade: *...Revela-se notar que a formosa e progressista cidade de Pires do Rio vem experimentando uma extraordinária fase de desenvolvimento sócio-econômico, com inegáveis reflexos nos vários campos da atividade humana* (Goiás, 1985).

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

No entanto, mesmo com os ventos a favor de Pires do Rio, a Faculdade só realizou a primeira seleção em 1994, após o Decreto Presidencial de 04 de março de 1994. Documento que autorizou o funcionamento dos cursos de Licenciatura Plena em Geografia, História e Letras, com a denominação de Faculdade Celso Inocêncio de Oliveira – FAESCI, modificada posteriormente, de acordo com a Lei N.º 13.315 de julho de 1998, para Faculdade Estadual Celso Inocêncio de Oliveira.

Antes da efetivação da Faculdade os alunos da região buscavam ensino superior na capital e principalmente na cidade de Catalão, que possuía um Campus da Universidade Federal de Goiás e uma Faculdade Particular – Centro de Ensino Superior de Catalão. Os interessados pela graduação viajavam por vários quilômetros, com o auxílio de transporte oferecido pelo governo municipal ou mesmo custeado com recursos próprios. A instalação da Faculdade em Pires do Rio reorganizou esta realidade, possibilitando o acesso a graduação por indivíduos de diversas cidades e distritos circunvizinhos, além da qualificação dos professores da rede estadual e municipal de ensino.

A oferta de vagas na FAESCI foi ampliada em 2000, momento que a instituição foi anexada a recém criada Universidade Estadual de Goiás – UEG (Lei n.º 13.456 de março de 1999), passando a denominação de Unidade Universitária de Pires do Rio. Com a criação do curso regular em Pedagogia, de um curso seqüencial em Gestão Pública, Parceladas de Licenciatura em Pedagogia, História, Matemática e Letras, direcionados a qualificação de professores da rede ensino estadual e municipal, além dos cursos já existentes.

Conseqüentemente com a ampliação de cursos e vagas há o aumento da procura e a ampliação de cidades assistidas pela Unidade de Pires do Rio, iniciando assim o sonho de interiorização do ensino, qualificação e transformação econômica e social.

Entre as cidades assistidas podemos citar: Cristianópolis, Santa Cruz, Palmelo, Orizona, São Miguel do Passa Quatro, Ipameri, Vianópolis, Urutaí, Pires do Rio, seus respectivos distritos entre outros. Nestes aspectos há a ampliação das qualificações, transformação econômica, social e cultural, mediada pelas relações educacionais e as pesquisas realizadas. Dados percebidos na relação educacional institucional, nas pesquisas monográficas, estágios supervisionados, visitas de campos, entre outros.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Estas cidades e seus respectivos indivíduos assistidos pela Unidade de Pires do Rio saem do esquecimento social e ganham espaços na ciência, através de pesquisas realizadas pelos alunos e professores, além do conhecimento aplicado nas salas de aula, transformando assim a realidade do Estado de Goiás.

No entanto essa instituição que favorece e transforma também exclui, são vários indivíduos que contribuem para sua efetivação, mas que não são favorecidos pelas ofertas, isto é, pelo ensino e pesquisa. Entre elas citamos os motoristas de ônibus que, trazem por vários anos os alunos para qualificação e, no entanto, em muitos casos, não possuem o ensino fundamental, não conhecem as dependências da instituição, o quadro de profissionais administrativos ou docentes, nunca transpuseram as dependências da garagem ou da cantina, local que se reúnem. Aspecto e exclusão vivenciados pelos vendedores ambulantes, os funcionários das salas de reprodução de material (Xerox), os funcionários de comércio circunvizinhos, entre outros.

Diante do exposto o objetivo da presente pesquisa pretende compreender as representações da Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Pires do Rio, para os diferentes agentes envolvidos indiretamente com o funcionamento da instituição, e que estão fora do processo de inclusão social e educacional proposto pela Universidade.

A Universidade, infelizmente, é o espaço restrito, que desperta interesses, reconhecido como mecanismo de transformação social, integração através da educação. São imagens construídas historicamente que nos aproxima das interpretações destes sujeitos sobre a UEG – Pires do Rio, enfatizando as representações do espaço da universidade, compreendendo-os a partir da definição proposta por Burker do *outro*. Isto é, o individuo que não faz parte integralmente de um grupo, no entanto possui suas relações mediadas por ele, elaborando assim *representações* dos múltiplos e distintos significados atribuídos historicamente a partir da experiência, também compreendida com prática cotidiana.

Assim buscamos o conceito de *Representação* como algo que permite ver uma coisa ausente e que, segundo Chartier seria mais abrangente que o conceito de *mentalidades*, uma vez que o ausente em-si não pode mais ser visitado. Conceito analisado por Pesavento (2004) como *estar no lugar de, é personificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A idéia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença. p.40.*

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Neste aspecto o objetivo central do conceito de *representação* é trazer para o presente o ausente vivido e, dessa forma, poder interpretá-lo. No caso da presente pesquisa o ausente vivido pode ser percebido como as relações universitárias ou a vivência neste espaço universitário não apenas como coadjuvante, e sim protagonizar uma história de vida frente a uma realidade que estes indivíduos contribuem na sua constituição, mas não estão inseridos na realidade institucional.

Isto, pois, os indivíduos, objeto de análise da presente pesquisa, não fazem parte dos números, não tem acesso ao ensino e pesquisa, não frequentam os corredores e salas, não conhecem o corpo diretivo ou docente, não expõem suas vontades e idéias. Os relatos destes indivíduos são considerados uma representação pessoal dos outros e do mundo que o cerca, sendo às vezes, a sua própria história, ou a história que queria fazer parte.

Diante destas considerações nos aproximamos das interpretações de Foucault (2007) sobre a organização do discurso dos indivíduos frente ao lugar de vivência ou lugar de trabalho, assim

...em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-se os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade (8-9)

A Universidade elabora mecanismos de controle para a afirmação de sua identidade, conferindo percepções e padrões de conduta a seus membros e dos agentes que a constituem, influenciando diretamente na organização do discurso dos indivíduos, em alguns casos por respeito ou mesmo por temor. A organização institucional acentua o distanciamento, não ocorrendo práticas que tendem a diminuir estes conflitos, percebidos na explicação da presente pesquisa aos indivíduos a serem entrevistados, na tentativa, em muitos casos sem sucesso, da realização das entrevistas ou mesmo na gravação das mesmas.

Isto ocorre diante do temor do uso do discurso, isto é, na socialização dos pensamentos, atitudes, sonhos e interpretações dos indivíduos frente à referida

instituição de ensino e a que estão vinculados, prefeituras, empresas de transporte, comerciantes, entre outros.

Nesta problemática, não somente o existente ou materializado, no caso as relações próximas com a instituição, como também o “não dito” de que nos fala Michel de Certeau (2002, p.67) ou “as formas do silêncio” de que nos fala Orlandi (1990) devem ser considerados como fontes, pistas ou indícios na presente pesquisa. Entendemos que o discurso estrutura-se a partir de um determinado contexto, a Instituição de Ensino Superior, onde é promovido a relação entre sujeitos e grupos e no qual é percebido uma série de práticas, valores e normas, que contribuem para a formação da representação elaborada por estes indivíduos.

3. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo tem como objetivo discutir, a partir de entrevistas com motoristas, comerciantes e funcionários as representações que eles possuem da UEG, Unidade Pires do Rio. Questionar esse espaço, ou a representação que se tem dele poderia nos conduzir às representações que se têm da UEG, Unidade de Pires do Rio. Questionar as imagens que se tem da referida instituição também poderiam nos conduzir às coisas, aos signos e símbolos, as representações que se têm desse lugar, posto que ele se apresenta como um componente que não se dissocia do repertório simbólico que constitui as representações que deles se tem.

Neste sentido desenvolvemos nossa pesquisa no período entre agosto de 2008 e junho de 2009. Período que nos dedicamos a leitura sobre a técnica de história oral, pesquisa sobre a UEG, UnU de Pires do Rio, levantamento das pessoas a serem entrevistadas, realização e transcrição das mesmas.

Vale ressaltar que o presente projeto surgiu de uma afirmação de um ex-motorista, funcionário público municipal da Cidade de Urutaí, Sr. Francisco Ribeiro Filho, vulgo Seu Neném, responsável pelo transporte de alunos para a UEG, ao afirmar que *Trago tanta gente, tanto tempo, ajudo a formar tanta gente e continuo sem estudar, já era pra eu ter formado várias vezes*. No entanto no final do último ano ele foi acometido por sérias complicações de saúde, por indicação médica foi aposentado e após longos anos de trajetória Urutaí – Pires do Rio – UEG, sem realizar seu sonho de estudar e formar-se,

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

ele foi esquecido e substituído por um jovem motorista. Diante dos acontecimentos, infelizmente, ele não foi entrevistado, visto que não poderia passar por emoções.

Encontramos nos relatos o temor diante do aparelho eletrônico de gravação, como se ali estivesse a confirmação do que pensa e não pode ser divisível, muitos trabalham apenas no período noturno, alguns recebem adicional noturno e, qualquer possível reclamação repassada aos seus superiores eles poderiam sofrer redefinições de trabalho, além de perderem o contato com os outros funcionários e os alunos.

Diante desta afirmação muitas conversas não foram gravadas, e sim realizadas informalmente, assegurando a descrição e anonimato dos mesmos. No entanto durante a realização das pesquisas dois funcionários que realizam serviços gerais na unidade, propuseram relatar suas experiências sobre a UEG, descrevendo e afirmando sua participação na constituição histórica da Universidade, isto, justificado pelo tempo que trabalham especificamente 1999 e 1993.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscamos nas entrevistas compreender como os indivíduos envolvidos no processo de ensino na UEG, UnU Pires do Rio, elaboram suas representações da instituição. Assim estes relatos são interpretados como representações da ausência do sentido inicial da instituição, a Educação.

Ausência do que não é vivido por estes indivíduos, mas que está presente no cotidiano, acenando de forma excludente, é o querer fazer parte do que, mesmo próximo, lhes são distantes, através de questões sócias, culturais e econômicas. A Universidade Pública continua distante, o ensino que ela proporciona um sonho, a possível ascensão educacional uma utopia para estes indivíduos. Contribuem no processo educacional de vários indivíduos e não são integrados a ele.

Nestes aspectos nos aproximamos das considerações propostas por Duby (1984), ao afirmar que a reflexão sobre a história de um povo pode ser analisada a partir de imagens construídas por estes sobre sua história, e conclui

... a visão que uma sociedade forma de seu destino, o sentido que ela atribui, corretamente ou erroneamente, à sua própria história intervém como uma das

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

armas mais poderosas das forças de conservação ou de progresso, (...), um dos sustentáculos, entre os mais decisivos, de uma vontade de salvaguardar ou de destruir valores...

Este sentido, de que nos fala o autor, pode ser compreendido nas construções históricas da universidade e sua relação com os vários conceitos elaborados como significados e símbolos para este espaço. Neste aspecto, a UEG – UnU de Pires do Rio não é só um espaço educacional; também se inclui na perspectiva de transformação econômica, que estes sujeitos não estão incluídos.

Diante das interpretações sobre a Universidade nos aproximamos das questões levantadas por Aristóteles, ao afirmar que a memória

...não é nem sensação nem julgamento, mas é um estado ou qualidade (afeição, afeto) de um deles, quando o tempo já passou. ...Toda memória, então, implica a passagem do tempo. Portanto só as criaturas vivas que são conscientes do tempo podem lembrar, e elas fazem isso com aquela parte que é consciente do tempo. (Aristóteles, 1986, p. 291)

Essa relação entre tempo e memória está explícita ao associarem o tempo que frequentam a Unidade e a não realização de cursos de qualificação. A marca do tempo é dada por períodos que determinados alunos que freqüentavam a unidade, por determinado transporte utilizado e ao final a constatação de que nada mudou em sua vida além dos anos.

O tempo é remontado por estes indivíduos como uma sequência de fatos permeados por emoções, desta forma voltamos as considerações de Aristóteles

Eis-me nos campos da minha memória, nos seus antros e cavernas sem número, repletas, ao infinito, de toda a espécie de coisas que lá estão gravadas, ou por imagens, como os corpos, ou por si mesmas, como as ciências e as artes, ou, então, por não sei que noções e sinais, como os movimentos da alma, os quais, ainda quando a não agitam, se enraízam na memória. (X, 17.26)

Narrar as memórias significa recriar um passado, que não existe mais. O narrador conta sua vida através do tempo, fala de um “eu” que já se transformou, mas que não chega a ser um “outro”.

Na realização das entrevistas utilizamos uma sequência de 11 questões, no entanto algumas não foram respondidas, principalmente ao que refere ao setor administrativo da UnU. Alguns entrevistados conhecem algumas pessoas por nome, ressaltam que sempre que ocorre alguma comemoração na Unidade são convidados pelos alunos para

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

participarem, ou recebem algum alimento no ônibus. Por outro lado afirmam que nunca participaram de cursos ou palestras oferecidos pela unidade.

Os comerciantes conhecem alguns docentes que freqüentam o estabelecimento, no entanto não participaram de atividades e sabem o nome da diretora. Os funcionários estão integrados a instituição, sabe o nome do quadro de funcionários, no entanto não participaram de palestras e algumas vezes são convidados para as atividades promovidas na instituição.

Realizamos entrevistas com três grupos de profissionais. O primeiro foram os motoristas; segundo com os comerciantes; por ultimo com os servidores da Unidade. Como foi enfatizando anteriormente seguimos um esquema de questões, sobrepostas pelas seleções de memórias destes indivíduos ao que refere a UEG, momentos de conflitos, disputas, alegrias e vitórias da Unidade.

Neste momento pensamos o conceito de representação com a perspectiva de se compreender a relação do homem e a forma pela qual este se apropria de sua realidade do mundo onde vive, no caso específico onde se relaciona, a Universidade.

Assim para Salles (1991) ...as representações são as explicações e as afirmações que os indivíduos dão sobre sua realidade e completa. É como se assimila a estrutura social na qual se integram suas experiências, valores, ou seja, é a relação que se estabelece entre o homem e o meio isto ocorre pois a explicação que o homem dá sobre sua realidade estão de acordo com o que percebe na sua vida cotidiana, no seu dia – à – dia.

Neste aspecto de mediação de homem e mundo o conceito de representação é analisado neste projeto, procurando – se o processo de produção da fala no cotidiano. Compreendemos as palavras ou relatos, como tramas das relações sociais, dos interesses, medos e leituras do mundo universitário, sendo possível registrar as fases transitórias, íntimas e mais efêmeras das mudanças sociais.

No caso específico a fala revela as condições estruturais dos sistemas de valores existentes e agregadas historicamente pelo indivíduo ou grupo, como normas e símbolos, transmitindo as representações dos grupos pela determinação da vivência e da cultura. Estas considerações são observadas nos relatos sobre as representações do dia a

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

dia na universidade, as transformações físicas acompanhadas, os alunos e os companheiros de trabalhos.

Ao pensarmos o cotidiano das comunidades frente à sua forma de organização e estruturação deveremos nos reportar aos conceitos preliminares de representação, visto que, é a partir deste entendimento que podemos passar também, a refletir e analisar nossas práticas. Neste sentido questionamos quais as imagens e representação que estes indivíduos possuem da instituição, porém não podemos desvincular o questionamento do processo de construção das mesmas.

Podemos então pensar que estas formas de conhecimento e interpretações foram socialmente elaboradas diante de um fundo comum, o espaço da universidade, e partilhada diante dos anseios, problemas enfrentados e medos. Nos relatos podemos perceber a aproximação de uma realidade, formando assim um conjunto social, por eles definidos como excluídos do discurso de interiorização do ensino público em Goiás e da perspectiva de ascensão e transformação social.

Diante dos três grupos de relatos analisados observamos que o ensino permeia as representações como uma função social que aproxima e exclui. No primeiro caso estão ali contribuindo e proporcionando a educação de muitos, no segundo caso não são integrados em programas educacionais, não recebem formação, não fazem parte dos números da universidade, não conhecem as dependências físicas da instituição ou o grupo administrativo.

Essas representações analisadas *"traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam"* (Durkheim, 1999:79). Nesse sentido, as representações coletivas não seriam apenas o produto de uma imensa cooperação ocorrida num determinado espaço, mas também estariam relacionadas ao acúmulo de experiências atravessadas por longas séries de gerações. Ainda segundo ele, as representações coletivas, por terem características de fato social, assim como as instituições e estruturas, são exteriores ao indivíduo e exercem coerção sobre as consciências individuais, sendo então impostas pelo meio social.

5. CONCLUSÕES

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Chegamos ao final da presente pesquisa com a certeza da possibilidade de continuação de sua produção, as representações destes indivíduos envolvidos no processo de elaboração das representações da UEG, UnU Pires do Rio perpassam inicialmente pelo caráter educacional de exclusão, uma situação histórica em nosso país.

A Universidade é o espaço restrito, para eles próximo geograficamente, e distante como oferta de ensino e qualificação. Convivem e contribuem com o sucesso educacional de muitos, no entanto permanecem no marasmo, não são atingidos por políticas educacionais, não fazem parte dos números da Universidade, não são homenageados nas formaturas, não são convidados para eventos festivos. Esperamos continuar com o tema em próxima pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. Da memória e da reminiscência. 1986.
- BACZKO, B. Imaginação Social. IN: Anthopos – Homem, Enciclopédia Einaudi. Vol 05, Porto, Editora Einaudi – Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- BURKER, Peter. “História como memória social”. In: Variedades de História Cultural. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2000.
- CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHARTIER, Roger. *O mundo como Representação*. In: Revista de Estudos Avançados n° 5/11, São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, USP, 1991.
- DUBY, Georges. *A história dos sistemas de valores*. In: Idade Média, Idade dos Homens. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo, Edições Loyola, 2007.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.
- MAUAD, Ana Maria. Memórias do contemporâneo. Nossa história, São Paulo, fev./2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Oralidade e Interpretação: Movimento do Dito e do Esquecido. O imaginário da dispersão, do impreciso, do indistinto, daquilo que pode não ser assim. In: Ferreira, Jerusa Pires (org). Oralidade em tempo & espaço. São Paulo: EDUC, 1990.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em Busca de um Outra História: Imaginando o Imaginário. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 15, n° 29, p.9-27, 1995.

_____ História e história cultural. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

POLLAK, Michael. “Memória e Esquecimento”. In: Revista Estudos históricos. Rio de Janeiro: Ed. FGV, n.º 03, 1989.

PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. In: Proj. História, 1997.

ZUMTHOR, Paul. Tradição e Esquecimento. São Paulo – SP: Hucitec, 1997.